

## **O Ciborgue: corpo, técnica e ciência no futebol – uma etnografia de um centro de treinamento**

Fernando Gonçalves Bitencourt\*

Instituto Federal Santa Catarina

**Resumo:** Investigo o Ciborgue no treinamento esportivo ao etnografar o mundo vivido e a tecnociência num centro de treinamento de futebol no Brasil. Ao estudar o trabalho dos especialistas da área biomédica (médicos, fisioterapeutas, fisiologistas, nutricionista e preparadores físicos), reflito sobre as implicações destes conhecimentos na vida dos atletas através de dispositivos que controlam e normalizam o corpo. Com a tese de que os alimentos são selecionados e preparados partindo de princípios culturais, aponto que o fundamento dos processos que organizam a alimentação/nutrição está na sua racionalização em termos quantitativos; na matemática da composição química em relação a fisiologia do corpo Ciborgue: o Ciborgue é o humano calculado.

**Palavras-chave:** Ciborgue, biopoder, futebol

### **Cyborg: Body, Technique and Science in Soccer - Ethnography of a Training Center**

**Abstract:** I investigate the Cyborg in sports training as an ethnographer of the lived worlds and the technoscience in a soccer training center in Brazil. By studying the work of scholars in the biomedic field (doctors, physiotherapist, physiologist, nutritionist, and fitness coaches) I reflect upon the implications of these understandings in the life of the athletes through devices that control and normalize their bodies. Based on the thesis that the foods are selected and prepared from cultural principles, I indicate that the foundation of the processes that organize the food/nutrition is in its rationalization in quantify terms; in the Mathematics of the chemical composition in relation to the physiology of the Cyborg body - because the Cyborg is the calculated human.

**Keywords:** Cyborg, biopower, soccer/football

### **El Cyborg: el cuerpo, la técnica y la ciencia en el fútbol - una etnografía de un centro de formación**

**Resumen:** Investigo el Cyborg en el entrenamiento deportivo al etnografar el mundo vivido y la tecnociencia en un centro de entrenamiento de fútbol en Brasil. Al estudiar el trabajo de los expertos en biomedicina (médicos, fisioterapeutas, fisiologistas, nutricionistas y preparadores físicos), reflejo sobre las implicaciones de estos conocimientos en la vida de los atletas a través de dispositivos que controlan y normalizan el cuerpo. Con la tesis de que la comida es seleccionada y preparada a partir de principios culturales, señalo que el fundamento de los procesos que organizan la alimentación / nutrición está en su racionalización en términos cuantitativos; en matemáticas de la composición química en relación a la fisiología del cuerpo Cyborg: Cyborg es el humano calculado.

**Palabras-Clave:** Cyborg, biopoder, fútbol

---

\* Professor Titular do IFSC/Campus São José, Coordenador do Grupo de Pesquisa ESCULTURA - IFSC/SJ. Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), Mestre em Educação e Cultura (interdisciplinar) – UDESC. E-mail: ferbit@ifsc.edu.br

## Introdução

Pinóquio, Frankstein, Ciborgue (“O homem de seis milhões de dólares”), Inteligência Artificial, Matrix entre outros heróis e narrativas com alguma frequência alimentam nossas fantasias. Estes(as) resultam importantes modos de pensarmos e/ou imaginarmos nossa condição humana e dramatizam o tema da finitude e da superação de nossa humanidade bem como nossas relações com a tecnologia. Seja (re)criando o humano a partir de elementos do próprio corpo, seja pela adição de materiais não orgânicos (mecânicos, eletrônicos, químicos ou cibernéticos), ou mesmo pela reinvenção de humano fora das bases naturais, nosso drama de perpetuação individual ou coletiva da espécie, nestes casos através da ciência, permanece

Nesta trama se nos coloca um problema, a saber, o da relação dos seres humanos com as máquinas ou do Ciborgue (HARAWAY, 2000). Esta dupla via em que os homens se mecanizam e em que as máquinas são humanizadas. Esta complexa relação encadeada de homem-mecanizado, portanto humanizado e máquina humanizada, portanto mecanizada que se radicaliza nas novas tecnologias de produção e manutenção da vida. O esporte é um importante protagonista deste encontro entre humanos e máquinas.

A técnica e a ciência têm estado a serviço do esporte de alto rendimento há muito. Seja no preparo orgânico, através dos avanços dos estudos em fisiologia do exercício, em nutrição e treinamento atlético, inclusive com o aperfeiçoamento do *dopping* e seu consequente controle e inibição); seja no desenvolvimento de técnicas corporais cada vez mais elaboradas, apoiadas, principalmente, nos estudos em biomecânica, ou seja, no desenvolvimento de equipamentos e instalações, recursos volumosos de capital financeiro e humano são gastos sob a doutrina ideológica do progresso infinito, que no esporte se anuncia pela voz da transcendência do corpo rumo ao mais forte, mais alto, mais veloz, etc.

A biomedicina e a engenharia médica se desenvolveram a ponto de reabrir a questão do que é o humano. Quantas partes de nosso corpo podem ser substituídas pela maquinaria

biomédica e, mesmo assim, permaneceremos humanos? O projeto genoma, as nanotecnologias – capazes de implantar chips de computador em feixes de neurônios – e as múltiplas próteses – entre as quais as inúmeras tecnologias da vida cotidiana – tornam fluidas as fronteiras entre o corpo e a alma, o orgânico e a máquina, a natureza e a cultura. Estas questões em aberto sugerem problemas que a filosofia há muito persegue e reafirmam problemas antropológicos cuja pesquisa e reflexão estão no campo do entendimento – e do alargamento – do que é o ser humano e da produção do Ciborgue.

Este texto é um excerto de um trabalho maior que ao postular como problema antropológico contemporâneo a mecanização do corpo e a humanização da máquina, objetivou investigar a relação corpo e máquina, técnica e ciência em um Centro de Treinamento (CT) de um clube da primeira divisão do futebol brasileiro, tomando como horizonte de análise o Ciborgue e o ser-no-mundo. Através do método etnográfico, um trabalho de campo foi realizado entre abril de 2006 e fevereiro de 2007, quando observei a estrutura e a organização do clube, a vida cotidiana e os sistemas de treino, além dos agenciamentos da tecnociência e da biomedicina por parte dos especialistas – médicos, fisioterapeutas, técnicos e auxiliares, fisiologista, preparadores físicos, nutricionista... – sobre os corpos dos atletas no centro de treinamento.

Neste recorte, discuto os procedimentos planejados e realizados pela biomedicina e a tecnociência e analiso a maquinaria agenciada pelos especialistas e interpreto, a partir das teses da normalização da espécie e do biopoder, como os atletas convivem com as máquinas que escrevem e inscrevem verdades ao investir sobre o corpo seus esforços perscrutadores. O Ciborgue, fruto da técnica – que descobre aquilo que está disponível – e da ciência, vê-se entrelaçado ao conjunto maquinário do CT através da incorporação dos procedimentos, dos dispositivos e objetos que tal maquinaria põe em ação. Por fim, argumento sobre como a alimentação/nutrição compõe o conjunto de procedimentos tecnocientíficos que produzem o

Ciborgue no futebol. Para tanto, considero pertinente pensar que o devir Ciborgue já está antecipado na calculabilidade do humano, sendo as inúmeras próteses resultantes do “efeito de matematização” do corpo.

### **O Campo**

Este trabalho teve como campo de estudos o centro de treinamento esportivo de um clube de futebol da primeira divisão no Brasil e que conta com uma infraestrutura significativa em termos tecnocientíficos (e sua maquinaria correlata) para a produção e manutenção do rendimento de seus jogadores. Acompanhei a temporada esportiva dos atletas – de abril de 2006 a fevereiro de 2007 – em sua vida ordinária no CT.

O CT tem seu centro geográfico situado a 25° 32' 55" de latitude sul e 49° 16' 37" de longitude oeste. Está localizado em um estado da região sul do Brasil, ocupando um terreno de aproximadamente 230.000m<sup>2</sup>. O conjunto de oito campos de futebol, todos em ótimas condições, serve para treinamento, jogos treinos das categorias infanto-juvenil, juvenil, juniores e profissional e jogos oficiais das categorias de base. Uma mescla de gramas diferentes, cuidadas por um bom número de funcionários, mais o rodízio imposto ao uso dos campos para o treinamento garantem a manutenção da qualidade dos gramados durante toda a temporada.

Além de outras áreas não menos importantes para este trabalho, em meados de dezembro de 2006 ficou pronto o complexo construído durante toda aquela temporada. Este abriga, numa das áreas, os novos quartos do hotel, o restaurante e sua cozinha, sala de aula e biblioteca. Em outra, encontramos toda a administração, a estrutura médica e científica, os vestiários dos profissionais, além da sala de musculação e da piscina (coberta e aquecida). Nesta grande área construída os espaços foram ordenados de forma a facilitar a comunicação entre as partes congruentes.

A opção por este encontro – corpo/máquina – nesta espécie de “laboratório” se deveu a suas características *suis generis*. Ao contrário da maioria dos laboratórios, que, presos ao capital ou não, comprometem-se de alguma maneira com o desenvolvimento social mais geral, a maquinaria desenvolvida para o treinamento – e que tem suas bases fundadas na tecnologia militar – tem seus recursos aplicados na produção ideológica do resultado esportivo, no corpo mais forte e mais veloz, melhor preparado para suportar os impactos perigosos sobre o corpo das competições esportivas.

Os sujeitos da pesquisa, ou os nativos, foram os atletas e a comissão técnica em suas relações com a técnica, a ciência e a máquina. Estes atletas são sujeitos a testes específicos de cada disciplina ligada ao desenvolvimento do esporte – Biomedicina, Biomecânica, Fisiologia e Aprendizagem e Desenvolvimento Motor... – que implicam numa série de intervenções sobre o corpo e em diversas conexões entre o corpo e as máquinas. Numa escala progressiva, os resultados destes atletas são subprodutos desta relação, estando a melhoria do rendimento cada vez mais dependente do incremento científico-tecnológico do treinamento esportivo. Neste conjunto, pesquisei, então, os especialistas na tecnociência empregada no treinamento esportivo – médicos, fisiologistas, professores de educação física – que dominam este campo da intervenção sobre o corpo.

Em virtude da forte hierarquização do trabalho no CT, do processo mesmo de pesquisa e, por certo, das características pessoais próprias deste investigador, iniciei interlocução com pessoas de menor importância no status do CT para, aos poucos, com o tempo e o conhecimento adquirido, travar diálogo com aqueles que estão hierarquicamente em posição superior. Assim que iniciei observando os treinos das categorias de base e aos poucos fui me aproximando dos profissionais. Do mesmo modo, primeiro me aproximei de roupeiros e massagistas, depois de preparadores físicos e técnicos. Ao final da pesquisa estava em diálogo com médicos, fisioterapeutas, com a nutricionista e com o diretor científico (fisiologista), o

gerente de futebol e com o diretor técnico.

Este processo foi se dando de forma lenta e gradual e hoje me parece ter sido uma boa estratégia de imersão no campo, pois a medida que conhecia as pessoas em níveis diferentes de importância, me aproximava e era conhecido e respeitado por outros interlocutores, num percurso que me levou ao interior do espaço central da pesquisa que sustenta este texto, a saber, o laboratório de fisiologia, o departamento médico e seus agentes. Por fim, após ficar bastante tempo em silêncio, “apenas observando”, ou em conversas informais, realizei 22 entrevistas gravadas com vários dos agentes: roupeiro, olheiro, médicos, fisioterapeutas, preparadores físicos e atletas. Estas foram transcritas. Também tive a oportunidade de realizar imagens – fotografias e filmes –, além de receber, da própria comissão técnica, imagens de trabalhos realizados.

Trabalhei num campo que não me exigiu mosquiteiro, ainda que intempéries fossem, por vezes, bastante pronunciadas. Cumpridas algumas etapas tais como o fundamental mergulho na linguagem, na tecnologia e nos tipos de conhecimentos específicos destes centros de treinamento e tendo apreendido um quê inicial dos pontos de conexão entre o corpo e a maquinaria produtora de sentido, ou, como afirma Latour (1997), inscritora da realidade, procurei, através de um procedimento hermenêutico, no limite das possibilidades, ouvir o próprio corpo nativo, deixá-lo falar sobre o mundo encarnado da vida com a máquina, ou, como sugeriu Geertz (1989), conversar com ele.

### **O Ciborgue e o Biopoder**

O futebol é, como o vejo, a articulação estruturada de um “horizonte de técnicas”. É sob o regime convergente destas técnicas, corporais, pedagógicas, disciplinares, biomédicas, científicas, econômicas, etc. que como conjunto de esforços em correlação produz o jogador

profissional. A técnica moderna, conforme Heidegger (2006), tornou-se nosso ambiente, até mergulhar profundamente em nossa corporalidade. É, para o autor, aquilo que torna disponível a natureza para seu descobrimento. A natureza que aqui me refiro é o corpo humano biológico, disponibilizado como natureza que se dá a conhecer (des-encobrir). É da incorporação da técnica – e da tecnologia – em sua relação com o corpo natureza disponível que nasce o Ciborgue. Segundo Haraway:

um Ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção científica. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo (2000, p.40).

Para a autora, o Ciborgue provoca uma confusão de fronteiras, pois pensá-lo implica pôr em questão a diluição dos limites tradicionais da ontologia ocidental, quais sejam, entre humanos e animais, entre animais-humanos (organismo) e máquina e, por fim, entre o físico e o não físico. Estas três fronteiras tornaram-se imprecisas nos tempos atuais, pois, como a própria autora aponta, “nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes”. O problema do Ciborgue está posto no horizonte da política como um suporte possível da transformação social, no manifesto irônico do feminismo-socialista elaborado por Haraway (2000) – para não escaparmos ao contexto.

A inteligibilidade do Ciborgue só pode ser alcançada se levarmos em conta seu caráter etéreo, sua ubiqüidade e fluidez; capacidade de montagem e desmontagem que o torna o sustentáculo e o veículo da afinidade entre corpo (animal-humano) e máquina, produzindo novas complexidades nas realidades sociais e corporais vividas. A fluidez do Ciborgue – as pessoas não são “assim tão fluídas, pois elas são ao mesmo tempo materiais e opacas” – é resultante da extrapolação de seu caráter tradicionalmente eletromecânico para sistemas mais complexos tais como Silva anuncia:

Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente”

induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tesão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres “artificiais” que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos. Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais”; seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. Realidades virtuais. Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução natural e reprodução artificial. Bits e bytes que circulam, indistintamente, entre corpos humanos e corpos elétricos, tornando-os igualmente indistintos: corpos humanos-elétricos (2000, p. 14).

O mesmo autor afirma que a característica contemporânea (para o autor, pós-moderna) mais notável é “a indecente interpenetração, o promíscuo acoplamento, a desavergonhada conjunção entre humano e máquina”. Citando Gray, Mentor e Figueroa-Sarriera, Silva, aponta quais funções podem ser cumpridas pelas tecnologias ciborguianas:

1. restauradoras: permitem restaurar funções e substituir órgãos e membros perdidos;
2. normalizadoras: retornam as criaturas a uma indiferente normalidade;
3. reconfiguradoras: criam criaturas pós-humanas que são iguais aos seres humanos e, ao mesmo tempo, diferentes deles;
4. melhoradoras: criam criaturas melhoradas, relativamente ao ser humano (1995, p. 3).

São, estas características Ciborgueanas e suas funções, possibilidades desenvolvidas no interior da ciência do treinamento através da biomedicina, resultado da aposta no esporte como um dos modelos importantes de “evolução bio-social”. Na confluência destas possibilidades abertas pela técnica e pelas ciências é que o biopoder se instala como modo de dispor do corpo, pois o Ciborgue é o humano calculado. Mas para dispor do corpo, a técnica tem sua tecnologia, suas máquinas, seu sistema de objetos.

Especificando a questão, aproximando o Ciborgue de nosso problema, e visto que o rendimento atlético resulta de diferentes variáveis – os jogadores de futebol não são diferentes –, pode-se dizer que o sistema dos objetos agenciados no treinamento esportivo e aplicado no CT serve para a avaliação clínica e atlética dos jogadores, para o incremento do rendimento físico, para o processo de recuperação dos esforços e por fim, para a prevenção e cura de lesões e das dores. Apoiado em Latour (1997), mas operando um leve deslocamento



na denominação e nos conceitos propostos pelo autor, pois que é necessário que os mesmos se ajustem ao problema do qual trato, dois tipos de objetos/máquinas são agenciados: as Máquinas Escritoras e as Máquinas Inscritoras<sup>2</sup>.

Deste modo temos:

- *Máquinas Escritoras*: registram em papel (ou mesmo na tela de um computador), através de relatórios, símbolos e/ou gráficos, os dados obtidos pelas formulações e perscrutações da ciência sobre os corpos atléticos. Estas máquinas conectam-se ao corpo através de diferentes dispositivos – seja através de procedimentos invasivos, seja tangenciando através do contato com a pele. São, estas máquinas, as que registram uma verdade objetiva sobre a qual cabe intervir, ou como afirma Latour (1997, p 45), “estabelece(m) uma relação direta com a ‘substância original’”.
- *Máquinas Inscritoras*: inscrevem no corpo uma modalidade de saber/poder e uma forma de ser-no-mundo. Ao acoplar-se ao corpo (ou ao contrário, o corpo acoplar-se a ela) regula e controla movimentos, prescreve gestos, medidas, disposições, conformando o corpo a medida que impõe sua mecanicidade numa pedagogia ergonomicamente pensada, ou seja, sob o signo da eficiência e da segurança. Medicamentos, complementos, suplementos, eletrodos, etc., completam o conjunto tecnocientífico que os atletas incorporam no processo de inscrição.

A diferença entre ambas as máquinas se encontra no modo de operação, menos do que no sentido e na função. Ambas são dispositivas de imposição do saber biomédico e da ciência do treinamento sobre o corpo atlético. Em todo o caso, ainda que operações distintas sejam postas em prática, conhecer o corpo e traduzi-lo para a linguagem dos especialistas com vistas às possíveis intervenções estão no fundo da aplicação destas máquinas.

Através deste conjunto maquínico, agem os diferentes profissionais responsáveis por agenciar o saber-poder prescritivo das tecnociências e suas modalidades de intervenção na vida (corpo) dos atletas.

É preciso afirmar: a biomedicina é que decide sobre quem está apto a jogar. Transformar-se em jogador profissional de futebol é permitir uma invasão completa na sua corporalidade, singularmente transformada em objeto de investigação, conhecimento, intervenção e investimento. Se o menino que joga bola em sua vida ordinária, em seu mundo vivido, é capturado por um olhar que o convida a um novo modo de viver, é apenas com o consentimento biomédico – e sob os auspícios da técnica – que ele realmente inicia uma carreira de jogador de futebol, ao menos no caso do Clube (e cada vez mais no futebol em geral).

Ser médico em um clube de futebol é viver um paradoxo, qual seja, o de realizar todos os esforços para que os atletas estejam saudáveis (seja lá o que isso signifique) em um campo de trabalho – o esporte de alto rendimento – no qual já se reconhece há algum tempo, inclusive no próprio CT, que não se pode considerar saudável<sup>3</sup>. As imposições sobre o corpo, decorrentes dos esforços exigidos pelo sistema esportivo, levam, com frequência, os atletas à fadiga, à dor, às lesões e doenças, além de poderem acarretar desgastes excessivos principalmente no sistema musculoesquelético, causando danos irreversíveis à saúde.

Talvez por isso haja uma ambiguidade nas concepções médicas sobre a corporalidade dos atletas que, se por um lado ajudam a “anular” tal paradoxo, expõe as dificuldades de se atuar como médico em um sistema cujo funcionamento revela uma fratura com o corpo são. Esta ambiguidade está na esteira das mudanças anunciadas por Foucault (2005) por ocasião da passagem do disciplinamento ao biopoder e, por extensão, numa tripla interpretação do corpo atlético: a) como indivíduo; b) como natureza e; c) como máquina. Tratem-se de cada um destes aspectos.

Maia (2003) ajuda a elucidar melhor a questão. O que se denomina de biopoder como atuação do poder sobre os corpos é, por um lado, a implementação de dispositivos e técnicas “ortopédicas” (mas talvez também protéticas) que visam treinar e disciplinar o corpo. Por

outro, o corpo está incluído no conjunto da espécie, de onde se consideram suas regularidades e normatizações. Para ambos os níveis, procedimentos distintos de intervenção são agenciados. No disciplinamento, o inquérito. No biopoder, o exame. Assim, numa perspectiva lévistraussiana: o Inquérito está para o Disciplinamento assim como o Exame está para Biopoder. Ambos controlam, em sua ação conjunta, com eficiência e eficácia, os corpos e a vida.

No CT, ambos os aspectos se evidenciam tanto na esfera do esquadramento e controle do espaço-tempo e dos dispositivos de controles dos corpos e dos gestos, quanto no processo de normalização que a noção de espécie – e população – exige a aplicação do biopoder. Do ponto de vista do funcionamento da medicina, as representações sobre o corpo e a decorrente aplicação de métodos diagnósticos e terapêuticos corroboram os sentidos tomados pelos dois dispositivos de poder. É preciso, então, tomar, em caráter geral, os procedimentos médicos cotidianos em associação com as representações sobre o corpo anteriormente citadas.

Penso ser possível separar dois procedimentos médicos distintos decorrentes tanto do próprio modelo de medicina quanto das circunstâncias específicas de ocorrência. Retomando as concepções de corpo que anunciei acima, um corpo individual é erigido quando os jogadores procuram o médico para se queixarem de alguma dor ou problema genérico, ou ainda quando se lesionam durante os treinos ou jogos, quando os próprios médicos estão presentes. Nestes casos, uma relação de inquérito, no sentido de tentar se descobrir a verdade da dor ou doença, nasce do questionamento do médico ao atleta sobre suas condições.

Lembrando os modelos inquisitoriais e confessionais do sistema religioso, cabe ao próprio atleta dizer, através de uma autoanálise estimulada pelo saber médico (tomando-se como exemplo uma dor na perna): suas impressões sobre como foi e qual foi a causa do trauma; como é e onde se dá a dor; se consegue pisar no chão ou andar, correr e/ou chutar; se

já sentiu isso antes em acidente parecido ou se já o vem sentindo há algum tempo; qual a intensidade da dor; etc.. Este discurso sobre si, sobre o acontecimento e seus resultados e consequências são necessários para se individualizar o diagnóstico, demarcar os procedimentos, prescrever tratamentos específicos.

Uma vez que o plantel de jogadores é devidamente regulado pelo sistema disciplinar que ordena a vida na CT, e que implanta os jogadores em seus lugares – inclusive em seus próprios corpos e gestos – e seus tempos, o procedimento de individualização acaba por permitir a restrição das hipóteses sobre o caso, facilitando o controle e a prescrição do tratamento. Este modelo de inquérito é também, como o conjunto disciplina/biopoder, uma economia.

Implantada a individualização é preciso que se reenvie o corpo e o atleta a esfera da espécie. Assim, o corpo genérico que o exame reivindica é a técnica a dispor da natureza como objeto de investigação e conhecimento. Os exames, este encontro objetivo e objetivante da anatomo-fisiologia natural do corpo genérico com a maquinaria biomédica, cujos alicerces se encontram na normalização, ou seja, na entrada do corpo espécie no conhecimento, através de procedimentos matematizáveis e estatísticos decorrentes das ciências normais registram no mínimo três aspectos: a) a representação do corpo espécie como natural, portanto, conforme discutido anteriormente, disponível; b) a entrada em cena da maquinaria biomédica como dispositivo invasivo a transluzir a verdade do corpo e; c) a constituição dos dispositivos do biopoder como prática regulatória das relações dos atletas com a medicina, os demais componentes da comissão técnica e com seu próprio corpo.

Discorrido sobre indivíduo e natureza (ou espécie), o terceiro termo de nossa série é o mais complexo, mas não menos passível de entendimento. É recorrente, no campo esportivo, a analogia do corpo com a máquina: modelo estabelecido pelos positivistas pelo menos desde Descartes. Entretanto, Canguilhem (2005, p. 401), em seus “Escritos Sobre a Medicina”, faz-

nos reconhecer que a noção de corpo como um mecanismo não deve ser levada muito a sério, já que “não há saúde de um mecanismo” a se regular, pois o fato de “não haver doença da máquina coaduna-se perfeitamente com o fato de que não há morte da máquina”.

A estada cotidiana dos médicos no CT gerou a possibilidade de estarmos constantemente em contato. Por motivos ligados à profissão médica, só tive acesso ao trabalho realizado quando estes eram eventos públicos, como os atendimentos em campo, ou através das conversas e entrevistas. Estas conversas apontaram, mesmo que o tema tenha sido tratado mais com evasivas do que com afirmações, que estes médicos não tomam os atletas, ao menos conscientemente, como máquinas. Por outro lado, reconhecem a analogia e seu uso corrente no interior do futebol. Não se pode esquecer que a metáfora do relógio tem no centro a funcionalidade orgânica descoberta pela medicina, assim como o corpo morto foi a referência anatômica.

Retornando ao caráter ambíguo de se trabalhar em um ambiente cujo esforço médico de deixar os atletas saudáveis têm como corolário a permanência na insalubridade, quais desvios possíveis no sistema de representações para que esta quase antinomia, pois que insolúvel para a lógica médica se enfrentada diretamente, se realizam? Penso em dois. O primeiro é invocar a ideia de que os atletas são indivíduos livres e que, nesta condição, optaram por enfrentar as agruras da profissão de atleta<sup>4</sup>. O segundo, menos claro, é deduzir que, na medida em que os mesmos são eles mesmos maquínicos, e que máquinas não ficam doentes ou sentem dor, esvaziar a razão médica de responsabilidade, invocando o atleta/paciente apenas quando o mesmo se apresenta.

Visto deste ângulo, o da interpretação que ora formulo – que resulta de se afirmar que nem todas as modalidades de reconhecimento do outro são explícitas ou explicitadas –, o corpo-máquina é não apenas uma possibilidade reconhecível no discurso de jogadores e comissão técnica, mas um elemento no qual a prática do treinamento esportivo e a ordem

médica acabam por se escorar para, entre outras coisas, justificar seu trabalho: que é o do sofrimento corporal numa prática, o esporte, que se baseia no discurso da saúde como uma de suas justificativas de existência.

Decorrente do “saber/poder” médico, e seus inquéritos e exames, os fisioterapeutas com suas máquinas a tanger o tecido corporal participam dos esforços das ciências do treinamento para eliminar as incertezas, matematizar as práticas e regular as forças. É assim que a fisiologia testa e prescreve através de suas máquinas e seus cálculos e a preparação física põe em prática o acúmulo de saber escrito sobre o corpo, do mesmo modo que os técnicos de futebol, com seu saber associado a mecanicidade do corpo e do jogo, organizam o treinamento em doses reguladas o suficiente para que a repetição dos gestos alcance os efeitos desejados: a repetição quase espontânea dos movimentos.

Ainda um último esforço de cálculo se realiza através da nutrição. Mais do que alimentar, ainda que as qualidades estejam no horizonte da nutrição, são as quantidades que preocupam àqueles que ordenam o treino. Investidos de conhecimentos objetivos sobre os corpos, as massas e os esforços, as idades, os tipos de treinos, o tempo do trabalho e do descanso, o alimento é quimicamente analisado em consonância com a fisiologia e a química do corpo para que nada falte, tampouco se perca. Ou seja, o Ciborgue já está naquilo que o alimenta, antes mesmo de qualquer adição estranha a natureza. É já na natureza do corpo e dos alimentos que o Ciborgue ganha vida, discussão esta desenvolvida no próximo tópico.

Todo este esforço do Clube não pode ser pensado como uma modalidade maquiavélica de controle sobre a vida. Como destacaram Dreyfus & Rabinow (1995), Foucault percebe no biopoder um ordenamento de diferentes esferas da vida que se justifica pela melhoria do bem-estar geral das pessoas. Sob a mesma perspectiva o Clube investe e agencia seus dispositivos. Entretanto, tal ordem não tem ninguém a dirigi-la, estando todos enlaçados nesta trama.

Finalizando este ponto tem-se que, pensando o conjunto anatomobiopolítico (assim,

inseparável, operando em níveis distintos, mas em conjunto),

(...) a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento e a morte, a produção, a doença, etc. Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se faz consoante o modo da individuação, temos uma segunda tomada do poder que, por sua vez, não é individualizante mas é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anátomo-política do corpo humano (...) vemos aparecer (...) uma biopolítica da espécie humana. (FOUCAULT, 2005, p. 289)

Ou seja, para o trabalho no CT, após individualizar através do recrutamento/seleção e do esquadramento do corpo (e do espaço/tempo), os investimentos correm em outra direção, no da uniformização, da formação de um corpo/atleta espécie, alcançado através dos esforços conjuntos da biomedicina e da tecnociência. Através das estatísticas, previsões globais, protocolos, etc. a biopolítica vai se dirigir “aos acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em sua duração” (idem, 2005, p. 293) com vistas ao controle e intervenção.

Os níveis distintos em que operam a anatomopolítica e a biopolítica, a primeira na ordem do corpo individual e a segunda na ordem do humano-espécie, possibilita a articulação entre ambos. Foucault (2000) sugere como exemplo as cidades planejadas (cidade-modelo ou cidade-artificial, em sua linguagem) ou mesmo as vilas operárias, nas quais mecanismos disciplinares são implantados através do esquadramento do espaço, a regulação do tempo e o controle sobre os corpos e, ao contrário (mas na mesma direção), têm-se os mecanismos reguladores como os controles sobre higiene e saúde. Concluo, deste modo, que o CT é um destes espaços nos quais ambos os mecanismos de poder se instalam e operam e encontram o Ciborgue.

## **Alimentação/Nutrição: devir Ciborgue**

Após haver discorrido sobre os sistemas tecnocientíficos e a biomedicina do treinamento, mais um elemento antropológico fundamental da vida dos atletas do CT precisa ser focado. Escolher o termo adequado não é muito simples, pois alimentação e nutrição nos enviam a um caminho ambíguo, que ora suporta uma distinção convincente em suas características, ora convergem num sentido único: o de manter o corpo vivo, biológica e culturalmente. Assim, convenciono chamar de alimentação o aspecto mais sociocultural que as refeições, quase sempre feitas coletivamente, comportam. Considero nutrição a preocupação com as quantidades de nutrientes e os processos químicos envolvidos na ingestão de alimentos.

Destaco ainda o fato de não ter me debruçado em aspectos mais comuns do trabalho antropológico sobre alimentação: modos à mesa, rituais ou tabus, modos de preparo e seus sentidos, por exemplo. Minha preocupação é mais encontrar a lógica da alimentação/nutrição no CT: sua racionalidade. Canesqui & Garcia, logo na introdução da obra por elas organizada, afirmam:

Sendo a alimentação imprescindível para a vida e a sobrevivência humanas, como necessidade básica vital, ela é necessariamente modelada pela cultura e sofre os efeitos da organização da sociedade, não comportando a sua abordagem olhares unilaterais.

Não comemos apenas quantidades de nutrientes e calorias para manter o funcionamento corporal em nível adequado, pois há muito tempo os antropólogos afirmam que no comer seleção, escolhas, ocasiões rituais, imbricam-se com a sociabilidade, com ideias e significados, com as interpretações de experiências e situações. Para serem comidos, ou comestíveis, os alimentos precisam ser elegíveis, preferidos, selecionados e preparados ou processados pela culinária, e tudo isso é matéria cultural (2005, p. 9).

Se, ainda com Lévi-Strauss, os alimentos são bons para pensar, tentarei demonstrar, a despeito da realidade indiscutível de que os alimentos são escolhidos, selecionados, preparados em consonância com princípios culturais, que o fundamento principal dos processos que organizam a alimentação no CT está na sua racionalização em termos quantitativos, matematizáveis em seus nutrientes. É a razão tecnocientífica como elemento



cultural do treinamento esportivo que nos mostra como os alimentos são bons para pensar. E mais, que eles são pensados, antes de se tornarem alimentos.<sup>5</sup>

Como toda a estrutura que envolve o treinamento dos atletas, as refeições são pensadas cientificamente. Trabalhando em conjunto com o departamento médico e a fisiologia, as nutricionistas preparam o cardápio do dia. Contando com uma infraestrutura de modelo industrial, desde a maquinaria, passando pela logística até o pessoal especializado, o próprio CT é capaz de fornecer cerca de 300 refeições cinco vezes ao dia. Esta capacidade envolve a seleção e preparação de alimentos para atletas e não atletas.

Durante o período em que estive no campo, dois momentos distintos marcaram o trabalho da cozinha e das nutricionistas. No ano de 2006, quando o CT estava em reforma, as refeições eram preparadas e servidas em uma área improvisada com cobertura branca de plástico sobre a quadra de esportes. Ali, a estrutura da cozinha e para a refeição não diferia de qualquer *self-service*. Era possível ver as grandes panelas e o trabalho contínuo de cozinheiras; os alimentos dispostos sobre a área prevista e as pessoas passando com seus pratos, pegando o que lhes interessava e se alojando em um dos lugares às mesas. A comida também não diferia muito das corriqueiras no país, havendo sempre alguma salada, arroz e feijão, alguma massa, batatas, dois tipos de carne, frutas, sobremesas e bebidas (sucos e água).

Todos, jogadores, comissão técnica e funcionários podiam comer no mesmo horário, havendo apenas um espaço reservado aos jogadores profissionais. Quanto a estes, com alguma frequência, mas principalmente em dia de jogo, tinham um cardápio especial. Havia algum privilégio na qualidade e tipo de frutas, nos sucos, e de algum alimento. Esta diferença, entretanto, não era tão acentuada, mas ajudava a marcar o sistema de hierarquia e status sob o qual os atletas vivem. Por certo, era mais fácil aos juniores, notadamente os de maior prestígio, burlar estas pequenas diferenças do que aos juvenis. No geral, como já o demonstrou a antropologia, a comensalidade era caracterizada pela comunhão de espaços

entre os pares. Entre estes, os mais 'chegados'. Deste modo, o comum era ver-se os juvenis juntos a um canto, os juniores em outro e os profissionais em sua área reservada. Os administrativos também sentavam-se à mesma mesa, geralmente entre aqueles que dividiam o mesmo setor de trabalho. Alimentar-se junto remete a uma forma de manter os laços sociais e afetivos a pessoas que realizam tarefas ordinárias em conjunto<sup>6</sup>. Aquele, entretanto, foi tomado como um período de transição para aquilo que se considerava o ideal, que estava a tomar corpo no prédio reformado e ampliado. Em janeiro de 2007 houve a mudança de toda a estrutura tecnoburocrática para as novas instalações, sendo que os últimos espaços a serem definitivamente postos em ação foram os da cozinha e do refeitório. A nova área contrastou em muito com o antigo refeitório improvisado. Amplo e decorado com bom gosto, o refeitório climatizado e claro proporciona conforto aos que ali se dirigem. A cozinha transformou-se em muito, absorvendo, segundo uma das nutricionistas, os conceitos mais modernos em infraestrutura e logística.

Tive a oportunidade de realizar uma visita orientada ao universo interior da cozinha. Acompanhado pela mentora do projeto, a nutricionista chefe, vestido de touca azul e sapatos de plástico, além de devidamente higienizado, pude percorrer os caminhos pelos quais os alimentos e produtos chegam, são limpos, separados, cortados, embalados estocados, etc. Em cada área, uma especialidade e seu especialista: um para as carnes, outro para os legumes, verduras e frutas, um local especial para os laticínios, outro para armazenar, pesar e distribuir grãos. Em homologia, há os funcionários que lavam, os que secam, os que separam, os que cozinham, os que limpam, os que transportam. Há padeira e doceira, açougueiro, e, especialmente, um chefe de cozinha.

A ideia de pureza e perigo (DOUGLAS, 1976) pode ser um bom modo de pensar o percurso feito por pessoas e produtos (e suas embalagens) no interior da cozinha. O que vem de fora traz o perigo da contaminação: nas impurezas guardadas nas roupas e nas mãos, nas

entranhas das embalagens, na qualidade duvidosa dos produtos e que, portanto, precisam ser higienizados, purificados, para que possam servir aos comensais. O retorno dos restos a rua, na forma de lixo, portanto, impuro, é feito por um caminho que o separa das áreas produtivas, criando, através de um percurso paralelo, um fluxo que leva e traz impurezas. Perigo este purificado pela maquinaria que aquece, resfria, embala a vácuo, higieniza com detergente e soluções anticépticas. As pessoas, de acordo com sua função, seguem os caminhos traçado pelos alimentos.

Todo este cuidado com os alimentos pode ser caracterizado por três aspectos: o primeiro, já por vezes discutido, é a obsessão pelo controle que tanto no plano administrativo quanto do tecnocientífico caracteriza o Clube. O segundo, uma preocupação genuína com o que se vai servir de alimento a todas as pessoas que trabalham no CT, inclusive aos próprios cozinheiros e; o terceiro, e para nosso caso o mais significativo, é o controle sobre as características intrínsecas dos alimentos em sua composição nutricional e suas correlações com o corpo do atleta. Este é, sem dúvida, o aspecto central para o enorme investimento que o Clube fez na montagem da estrutura pessoal e material do restaurante.

A alimentação, como bem o mostra Maes (2005) ao tratar das sopas nos hospitais franceses e das lógicas de alimentação nestes espaços, encontra sua justificativa numa lógica imanente<sup>7</sup>, cortada por um sistema de saberes e práticas que lhes é próprio. No CT o princípio é o mesmo. A composição do cardápio, segundo as nutricionistas, leva em conta dois aspectos significativos e por vezes inconciliáveis, a saber, nutrição e alimentação. Por um lado, é preciso pensar um cardápio que contenha os nutrientes necessários para garantir que os atletas realizem os esforços que o treinamento demanda. Por outro, há a preocupação com o fato de que os atletas vêm de diferentes regiões do país e têm hábitos alimentares bastante diversos, o que obriga a oferecer um conjunto de alimentos que atenda a esta diversidade. Portanto, boa comida, com as substâncias químicas necessárias e comida boa, para satisfazer ao paladar de

muitos.

Evidentemente, o mais importante na montagem do cardápio é a relação que a comida estabelece com a química e a fisiologia do corpo. Trabalhando em conjunto com o fisiologista, que ao final de cada semana planeja, de acordo com o calendário de jogos, as atividades para cada período de treino, um tipo de alimentação é pensado<sup>8</sup>. É mister constatar que não apenas a interioridade do corpo humano e sua fisiologia, mas também a natureza interna dos alimentos e sua química entram nos cálculos cujas variáveis são a quantidade de energia necessária a ser consumida para se ter disponível a energia suficiente para a tarefa a cumprir. Equilibrando-se entre a falta e o excesso – o primeiro porque impossibilita a realização das atividades a contento, o segundo porque o acúmulo de energia implica em perda de capacidade atlética – a nutrição lida a todo o tempo com a ciência e o bom senso, tentando oferecer conforto e qualidade ao mesmo tempo em que fornece o “combustível” para treinos e jogos.

Pensando deste modo, é possível inferir que a constituição dos híbridos que nos transformam no Ciborgue de Haraway (2000), é realizado já no inventário das qualidades intrínsecas dos alimentos – antes mesmo dos suplementos e ou complementos. A regular a relação dos atletas no CT com os alimentos está a ciência da nutrição, cuja tarefa, ao decompor o alimento em nutrientes, descrever e prescrever suas funções químicas e consequentes desencadeamentos fisiológicos, opera na lógica concertada da técnica. No fundo, a mesma racionalidade que segundo Simmel (1977) substitui a qualidade pela quantidade abstrata do dinheiro, se revela na relação comida-pessoa.

O recurso ao cálculo, que de modo bastante significativo tende a desconsiderar a experiência do corpo próprio, pois que lhe vem imposto exteriormente na forma de regime alimentar, reforça um modelo de pensamento no qual disciplina e controle estão em sintonia com a quantificação das ações diárias. A nutrição completa o quadro no qual a vida é

calculada em seus detalhes mais íntimos: o rendimento, pelo salário; o treinamento, no número de horas, repetições e esforços; o descanso, nos intervalos programados; a comida, na relação quantidade e tipo de esforço e composição químico-nutricional do alimento.

O passo decisivo nesta direção estava por ser dado em meados da temporada de 2007, o que, no entanto, pelo que tenho notícias, nunca foi implantado – talvez mais pela dificuldade operacional do que pela vontade de realizar. Este passo era chamado “empratado”. Na prática, cada jogador, de acordo com suas composição corporal e características fisiológicas e da quantidade e tipo de treino do qual participaria, receberia uma quantidade de comida – nutricionalmente pensada – correspondente ao cálculo destas variáveis. Através de um cartão magnético, sua dieta seria regulada em quantidade e qualidade, do café da manhã ao lanche noturno.

Discuti com alguns atletas o problema da alimentação no CT. Para a maioria a comida é excelente<sup>9</sup> (ainda que se tenha que considerar o fato de haver saudades da comida da mãe). Complemento, apoiado em conversas com profissionais das diversas áreas do clube e com os próprios atletas, com o fato de que, para muitos deles, especialmente das categorias de base, refeições com a qualidade e quantidade que recebiam no CT não lhes era possível na vida fora do futebol. Sobre o “empratamento”, havia uma dúvida quanto a validade, mas, de todo modo, também uma resignação quanto ao fato de sua implantação: no fundo mais um sacrifício (ou investimento em si).

Para que tal projeto fosse levado a efeito, apostava-se na tecnologia. Como grande vedete de uma cozinha que faz de arroz a sobremesas sofisticadas, um forno inteligente, cujo nome já destaca sua pretensão, Rational, seria agenciado para transformar o “empratamento” em realidade. Se a técnica é este ambiente no qual vivemos, os processos tecnológicos disponibilizam condições de realizações complexas, como a produção de pratos exclusivos – em qualidade e quantidade – para cada atleta. Tal forno, capaz de cozinhar doces e salgados,

massas e carnes, e “fritar” batatas deixando-as com 2% de gordura tornou-se duas coisas: de um lado, a metonímia dos avanços tecnológicos do CT; de outro, a metáfora da racionalidade do sistema de treinamento esportivo. Destaco a sensibilidade da nutricionista em perceber o paradoxo da nutrição esportiva naquelas circunstâncias e seu esforço em não apenas nutrir, mas oferecer opções diferentes de refeições, tentando, ao respeitar a diversidade de registros culturais, ensinar aos atletas não apenas os cuidados com os alimentos, mas também novos sabores, ingredientes, cores, texturas. Pude notar também suas inquietudes com referência a implementação do “empratado”. Em suma, uma preocupação pedagógica complexa, na qual a objetividade calculável dos valores nutricionais reivindicava em conjunto a sensibilidade no alimento palatável.

Se como aponte, há na comensalidade uma forma pela qual os atletas e demais funcionários do Clube criam ou atualizam suas alianças, formando grupos de interesse, gosto, com laços afetivos ou com qualquer outra origem ou finalidade, o empratamento estaria indicando outra direção, o da individualização pela separação dos corpos a partir de sua interioridade. Mais do que coletivos em banquete alimentar, o empratamento reafirma a individualização calculável através dos corpos a ingerir nutrientes.

Do ponto de vista nutricional, não registrei o uso de nenhum tipo de complemento ou suplemento – vitamínico, proteico, etc. A alimentação deveria dar conta da nutrição. Apenas repositores energéticos e recuperadores das capacidades atléticas, como isotônico e creatina, eram utilizados para facilitar a recuperação orgânica dos atletas. A preocupação com a hidratação também era fundamental, havendo cuidado com a ingestão permanente de água e sucos<sup>10</sup>. O não uso de suplementos não contraria os pressupostos de uma nutrição cientificamente calculada, apenas reforça um princípio nutricional adotado: toda a fonte energética necessária para as atividades se encontra nos alimentos. Um cálculo eficiente de seus princípios torna desnecessárias medidas adicionais de nutrientes, ou seja, os suplementos

industrializados não produzem efeito<sup>11</sup>.

Devido à impossibilidade da implementação do “empratamento” e de que, na prática, atletas e demais comensais comem os alimentos disponíveis no cardápio, mas na quantidade que lhes é comum e apetece, o sistema nutricional, que calcula, não consegue atingir o que de mais profundo caracteriza o humano, a sensibilidade e a razão do corpo próprio, seus desejos e possibilidades, sua experiência acumulada no mundo vivido. Por isso os esforços avançam do disciplinamento e do biopoder aos dispositivos pedagógicos, que procuram produzir efeitos de autocontrole nos atletas.

Finalizando, os princípios que ordenam a alimentação oferecida aos atletas e demais trabalhadores do CT está em homologia com a estrutura montada em torno da cientifização do treinamento esportivo, da incorporação das máquinas como dispositivos escritores e inscrites e da entrada dos corpos humanos, alimentos e objetos na calculabilidade da vida dos atletas, desde seus primeiros passos no CT até a sua profissionalização. Entretanto, tais investimentos sempre esbarram nas aberturas do próprio sistema e no saber resistente do corpo que corre, salta, joga, descansa e se alimenta. Ou seja, a alimentação/nutrição suscita este encontro, sempre complexo, do local com o global, do indivíduo com a espécie, do discurso universalizante da ciência e o mundo vivido e as experiências socioculturais dos agentes; por fim: da disciplina com o biopoder, do Ciborgue com a vida.

### **Considerações Finais**

Esta não é um texto sobre máquina, ciência, futebol... É, sim, mais um esforço antropológico sobre o humano, este que vive a cismar sobre si mesmo. Iniciei este trabalho com Pinóquio, devo terminá-lo com ele. Uma animação por computador recente, chamada Pinóquio 3000, reescreve a “história cuja moral serve para educar crianças”, ou para fazê-las dormir. Nesta nova versão, Gepeto não é marceneiro tampouco seu boneco é fruto do engenho

de talhar madeira. Pinóquio 3000 também é filho da técnica, como seu antecessor, mas também da ciência e da tecnologia. Este nasce como um robô e ganha vida como Frankstein, com a força da energia elétrica. Suas peripécias são muitas e seu destino segue sendo tornar-se um menino de verdade: assim faz, mais uma vez, a fada.

A mudança de “natureza” de Pinóquio é já o fruto da nova imaginação tecnocientífica, que cria vidas em laboratório. Entretanto, nossos jogadores Ciborgues, ao mesmo tempo em que são invadidos pelos dispositivos de controle agenciados pela anatomopolítica e pela biopolítica, vivem na “incomensurabilidade do corpo próprio, seres-no-mundo em abertura para a criação e a experiência. O Pinóquio no CT, hábil agente social, continua lá, a sonhar, jogar, sofrer, negociar, viver. Pois, é verdade, por fim, que Foucault não apenas tratou do duro jogo do poder a partir de suas imposições, lembra Deleuze com estas palavras: “Espinoza dizia: não se sabe do que um corpo humano é capaz, quando se liberta das disciplinas do homem. E Foucault: não se sabe do que o homem é capaz “enquanto ser vivo”, como conjunto de forças que resistem (2005, p. 100).

Neste jogo interminável, nosso Pinóquio realiza, através da bola – essa fada azul – o destino de tornar-se menino de verdade, simplesmente porque, como bem disse DaMatta (2006), “a bola corre mais que o homem”.

### **Referências Bibliográficas**

- CANESQUI, Ana M. & GARCIA, Rosa W. D. (Org.). 2005. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- CANGUILHEM, Georges. 2006. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. *Escritos Sobre Medicina*. 2005. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- DaMATTA, Roberto. 2006. *A Bola Corre Mais que os Homens: duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DAMO, Arlei S. 2005. *Do Dom à Profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, - Tese (Doutorado)
- DELEUZE, Gilles. 2005. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.



- DESCOLA, Philippe. 2007. *Par-Delà Nature et Culture*. Paris: Gallimard.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- DREYFUS, Hubert L & RABINOW, Paul. 1995. *Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. 1987. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GOFFMAN, Erving. 1974. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- HARAWAY, Donna. 2000. “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). *Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- HEIDEGGER, Martin. 2006. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes.
- LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais Fomos Modernos: ensaios de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Ed 34.
- LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve. 1997. *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- MAES, Gérard. 2005. “A Sopa no Hospital: testemunho”. In: CANESQUI, Ana M. & GARCIA, Rosa W. D. (Org.). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- MAIA, Cavalcanti. 2003. “Biopoder, Biopolítica e o Tempo Presente”. In: NOVAES, Aduvaldo (Org.). *O Homem Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MERLEAU-PONTY, M. 1994. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- RIAL, Carmen. 2005. “Brasil: primeiros escritos sobre comida e identidade”. In: CANESQUI, Ana M. & GARCIA, Rosa W. D. (Org.). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- SIMMEL, Georg. 1977. *Philosophie de L'argent*. Paris: Presses Universitaires.
- SILVA, Tomas Tadeu da (org.). 2000. *Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- VIGARELLO, Georges. 2008. “Treinar”. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J. & VIGARELLO, G. *História do Corpo 3 – As Mutações do Olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes.

---

1 Frankstein estaria a renascer no desenvolvimento do projeto genoma, na clonagem ou na criação de órgão para fins terapêuticos? Dado que estes órgãos estariam juridicamente mortos, sentiríamos o mesmo horror narrado na história, ou, pelo fato de a origem destes órgãos não ser o cemitério, mas o laboratório, incorporaríamos (incorporaremos) novas sensibilidades?

2Latour (1997) chama de inscritora a aparelhagem que escreve em papel os dados obtidos das pesquisas por ele estudadas. Para este texto, os aparelhos que escrevem em folhas (relatórios, gráficos, colunas...) são, mesmo, escritores. Chamo de inscritores aqueles que, uma vez incorporados (seja pelos atletas, seja pelos dispositivos pedagógicos) produzem uma transformação no próprio corpo, ou melhor, inscrevem no e pelo corpo um modo de ser no mundo.

3Certa feita, durante minha observação do trabalho fisioterápico, encontrei um dos preparadores físicos em tratamento. Ele havia sofrido uma lesão muscular ao participar de uma “pelada” e estava em tratamento. Enquanto realizava alguns dos procedimentos fisioterápicos (dos quais tratarei mais adiante), revelando o desconforto e a dor disse-me: “o corpo não foi feito pra aguentar isso não” (o esforço atlético exigido pelo esporte). Ao seu lado, um jogador profissional que participava da conversa e também estava em tratamento anuiu com a cabeça, perdendo-se em um olhar distante.

4 Esta é uma afirmação bastante complexa, na medida em que tomar os jovens atletas como indivíduos livres em cuja autonomia se dá a escolha pela profissão de atleta pode incorrer-se numa leitura um tanto enviesada da liberdade, da autonomia e das condições de possibilidade que geram o atleta.

5 Uma racionalidade econômica já determina muito cedo aquilo que se pode considerar alimento, em nossa sociedade. O fato de que produtores rurais deixem estragar parte de sua produção, ou que litros de leite sejam

---

jogados fora por não alcançarem o preço adequado no mercado, sugere que, sob a lógica capitalista, se torna alimento aquilo que pode ser negociado como mercadoria. Este, evidente, é apenas mais um dos efeitos da lógica da quantidade sobre a qualidade, que, evidentemente, deve ser matizada.

6É possível caracterizar bem o aspecto social da alimentação, ou seja, a forma como laços são estabelecidos e mantidos com um exemplo: dois jogadores estiveram por quase seis meses em tratamento médico após cirurgia de joelho. Além deste algo em comum está o fato de que com frequência ambos se alimentassem juntos, a mesma mesa, apesar de um dos atletas nem pertencer ao elenco do clube e de estar no CT apenas para realizar a recuperação da lesão.

7As refeições são servidas duas vezes ao dia: almoço, por volta das 9 ou 10 horas, e o jantar, entre 4 e 5 horas; comia-se carne três vezes por semana (domingo, terça e quinta-feira), meia libra por pessoa e por dia; a sopa de lentilha ou de ervilha era colocada à mesa em todas as refeições. As sextas feitas e nos dias de jejum, servia-se sopa, arenque e bacalhau, queijo e pão. Em grandes ocasiões (como no Dia de Reis, ou Páscoa) (...) as pessoas no hospital se regalavam com bolos e pudins (...). Em todos os lugares come-se à luz do dia para evitar abastecer inutilmente as luminárias e por medo de incêndios” (Grifo meu) (MAES, 2005, p. 241). Neste caso, além da lógica alimentar, o modo e os horários encontram seus sentidos internamente.

8 Haja vista não ser o objetivo, não entrarei em detalhes por demais técnicos sobre tipos de alimentos e suas características nutricionais – carbo-hidratos, protídeos, lipídios, glicídios, vitaminas, sais, água... – e, tampouco, pois muito mais complexo, discutir os tipos de alimentos que cada tipo de treinamento acaba por exigir.

9Durante minha permanência no campo me alimentei com frequência no CT. A comida, em ambas as épocas mencionadas, era de excelente qualidade e bastante saborosa – se me é permitido um juízo mais pessoal.

10Não havia refrigerante no dia-a-dia do CT. Nas refeições eram servidos sucos, águas, leite e café. O refrigerante, cujo controle se perde quando os atletas não estão no clube, chegou a ser utilizado como estímulo em um determinado treino físico. Para a equipe vencedora, latas de Coca-Cola estariam à disposição depois do treino. A maioria bebeu quase imediatamente o mesmo, inclusive provocando os derrotados que, ainda assim, tiveram seu quinhão; menor, mas o tiveram.

11 Uma outra preocupação envolve a questão da suplementação alimentar – a mesma que a medicina deve estar atenta quanto aos medicamentos. Muitos dos produtos vendidos em farmácias ou casas especializadas não são confiáveis quanto a sua composição química, sendo possível se encontrar nestes, substâncias consideradas *dopping* no esporte.